

CONTRA A SUBMISSÃO

ENTREVISTA Para Celso Amorim, os críticos confundem autonomia com ideologização



A LEANDRO FORTES

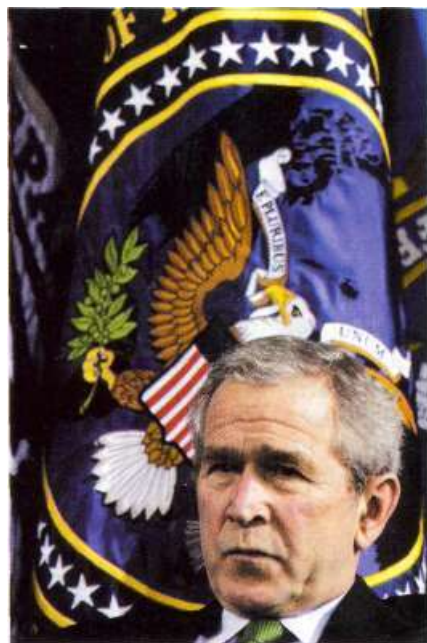
"O senhor é de esquerda?" A pergunta ricocheteia por cima da ampla mesa de madeira maciça, reverbera,

por um instante, pela amplidão do gabinete do ministro das Relações Exteriores e o pega de jeito, no contrapé. "Ahá! Essa é uma boa pergunta", reconhece o chanceler Celso Amorim, 64 anos. Ele disfarça, pigarreia, foge da autodefinição. Mas admite: é de esquerda. Sempre foi. Nos anos 80, no governo do general João Baptista Figueiredo, foi demitido da Embrafilme, onde era presidente, porque ousou financiar o filme *Pm Frente Brasil*, de Roberto Faria. Era a primeira denúncia explícita sobre as torturas da ditadura militar levada às telas do cinema nacional. Hoje se acautela, porque ser de esquerda, como ele mesmo diz, virou uma acusação. Ainda assim, toca uma política externa baseada não mais exclusivamente no pragmatismo comercial, mas, também, na solidariedade entre as nações. Quer formar embaixadores negros e estimula a promoção de mulheres para postos importantes. Sabe, por isso mesmo, que todas as críticas, a maioria revestida de argumentos emoldurados em sóbrios editoriais da mídia nacional, partem dessa premissa: a de que Celso Amorim é, perigosamente, de esquerda.

CartaCapital: Por que a política externa brasileira causa tanta controvérsia a ponto de ganhar muito espaço na mídia e, internamente, provocar reações como a do embaixador Roberto Abdenur?

Celso Amorim: Porque ela está mudando as coisas. Eu diria que não foi o úni-

co momento da história que isso aconteceu. Lembro-me de pelo menos dois. Na época do governo de Jânio Quadros, quando da dita política externa independente de então, San Tiago Dantas e Afonso Arinos eram os protagonistas dessa política, que foi polêmica, mereceu muitos editoriais críticos, também. Ocorreu o mesmo na época do minist-



CHARLES DHRAPAK/AP

“ Os Estados Unidos nunca nos valorizaram tanto. Nosso relacionamento, hoje, é íntimo ”

tro Azeredo da Silveira, chanceler do governo Geisel. Naquela época (*plena ditadura militar*), não se podia falar muito de política interna, então, talvez se falasse mais de política externa. Seja como for, também mereceu muitos editoriais, até dos mesmos jornais que continuam fazendo esses mesmos editoriais hoje. Bom, mas cada época tem a sua característica.

CC: E que característica, hoje, a torna tão controversa?

CA: A política externa mexe muito com o imaginário das pessoas. Então, não é só o jogo de quem vai ganhar. Eu já me fiz essa pergunta, hoje: "Por que temos tanta oposição, se todo mundo está ganhando?" Claro, pode ter havido algum setor específico que possa ter perdido uma oportunidade, mas, no conjunto, basta pegar um dado que sempre cito: as exportações brasileiras cresceram muito mais no governo Lula do que nos oito anos do Fernando Henrique Cardoso.

CC: isso responde à acusação de antiamericanismo feita pelo embaixador Abdenur?

CA: A nossa participação no mercado americano aumentou. Não aumentou tanto quanto a da China, porque a China desancou todo mundo. Então, se todo mundo está ganhando, uns mais, outros menos, por que existe a polêmica? Porque as pessoas ficam preocupadas com a possibilidade de mudança. Mudanças na concepção que o Brasil tem de si próprio. Você ir à África é diferente. Nunca esqueço de uma viagem do presidente Lula a cinco países africanos, muito criticada como uma viagem inútil. Aliás, por uma falta de visão absoluta, porque, mesmo do ponto de vista comercial, o Brasil exporta 7,5 bilhões de dólares, anualmente, para a África. Não é uma coisinha de jogar fora. É mais do que a gente exporta para a China. E isso aumentou muitíssimo no governo Lula. Depois da viagem à África, ele foi à Coreia do Sul e ao Japão. Aí, um dos jornais daqui publicou: "Enfim, uma viagem relevante". Então, é óbvio que há um elemento psicológico nisso.

CC: Não seria, na verdade, um elemento ideológico, uma reação a uma política externa de esquerda? A palavra "esquerda" incomoda quando é pronunciada no Itamaraty?

CA: É possível que sim. Mas, na minha

visão, trata-se mais de uma reação a mudanças. Não saberia lhe dizer se a política externa é de esquerda. É uma política externa identificada com o interesse nacional e a solidariedade, vamos dizer assim. Talvez, as pessoas considerem isso de esquerda.

CC: A acusação de *antiamericanismo* não pode estar ligada a essa reação ideológica?

CA: Sinceramente, acho que isso (a acusação de *antiamericanismo* feita por Abdenur) é uma tão grande tolice, que até me espanta que pessoas informadas digam isso. O nosso relacionamento com os Estados Unidos, hoje em dia, é íntimo. Olha, uma coisa é certa, eles nunca nos valorizaram tanto. O presidente Bush convidou o presidente Lula para ir lá no fim de março e, ao mesmo tempo, ao preparar a agenda de visitas à América Latina, afirma que não pode deixar de vir ao Brasil. Brinquei com o embaixador americano, outro dia, durante uma conversa. Perguntei como ele se sentia falando com um ministro tão antiamericano. Então, ele deu uma gargalhada e disse assim: "Eu posso dizer o seguinte, Nicholas Burns (*subsecretário para Assuntos Políticos do Departamento de Estado dos EUA, que esteve recentemente no Brasil*) se sentiu muito bem".

CC: O conceito de *"antiamericanismo"* tem relação com a defesa de uma posição de alinhamento automático aos interesses dos EUA no continente?

CA: É isso. Tudo que não seja um alinhamento automático, como dizia o ministro Azeredo da Silveira durante o governo Geisel, é considerado antiamericano pelos críticos de sempre. Eles, durante algum tempo, consideraram Azeredo antiamericano. Então, tudo aquilo que não é subserviente, que não vai antes pedir licença para ver se pode ou não pode fazer, se vai agradar ou não, é considerado antiamericano

CC: O que o senhor achou do desfecho das negociações com a Bolívia?

CA: Muito bom. Acertamos 90% dos problemas que a gente tinha, de uma maneira muito adequada, tecnicamente

justificada, correta. Temos interesse de médio e longo prazo na Bolívia, o que é muito mais importante que 30 centavos ou 40 centavos no preço do gás. Queremos ajudar a Bolívia a vencer o passado de instabilidade política, porque se trata de nossa maior fronteira, um país estrategicamente colocado no coração da



“Hoje em dia tudo é difícil de definir. Mas, sim, sou de esquerda. Não sou conservador”

América do Sul. Estamos convencidos de que a estabilidade só poderá vir com um governo de bases realmente populares, como é o caso de Evo Morales.

CC: É uma crise superada?

CA: Agora está tudo tão bem, que não quero colocar adjetivos. Mas, em alguns

momentos, eu mesmo disse que o governo boliviano tomou algumas atitudes adolescentes, como aquela história de colocar soldados nas instalações da Petrobras. Aquilo criou uma reação de incômodo no Brasil. Eu disse para os representantes do governo boliviano que a Petrobras é como a seleção brasileira de futebol, não pode fazer uma coisa dessas. Mas, ao mesmo tempo, nunca fomos de ficar fazendo ameaças de retaliação. Retaliar a Bolívia seria, para nós, dar um tiro no pé. Eles iriam ficar ainda mais instáveis, o que traria mais radicalismo, com prejuízos para a nossa área energética.

CC: As boas relações políticas e diplomáticas do governo Lula com o presidente Hugo Chávez, da Venezuela, "também não estão na origem das acusações de antiamericanismo?"

CA: Ora, o governo anterior, para crédito dele, tinha boas relações com Hugo Chávez. E nunca ouvi queixas sobre isso, nem de Chávez em relação ao ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. *btL* condenou a tentativa de golpe na Venezuela, em 2002. No governo Lula, a aproximação aumentou e foi usada, deliberadamente, para ajudar a consolidar o processo democrático na Venezuela. Os venezuelanos têm lá os caminhos deles, nós temos os nossos, não somos iguais. Mas não é isolando que se consegue influenciar ninguém.

ihos que a Venezuela toma, hoje, pelas mãos de Chávez?

DA: É difícil julgar o país dos outros. A.cho que, atualmente, as duas características essenciais da democracia estão presentes na Venezuela, a eleição dos líderes e o respeito às minorias. Lá, pelo menos, não tem presos políticos. Mas cada um tem seu estilo de conduzir o governo. É claro que as atitudes golpistas de certos setores políticos da Venezuela acabam se refletindo numa atitude do governo, ação e reação. O golpe de 2002 não é uma ficção do Chávez.

CC: Depois da crise com o embaixador Abdenur, o senhor acha que é preciso oxigenar a carreira de diplomata?

CA: Acho que tem de oxigenar, sim,

Seu País

mas primeiro é preciso esclarecer uma coisa. O embaixador Abdenur saiu porque ele cumpriu, e até excedeu, todos os prazos de permanência no exterior. Prazos, aliás, criados pelo governo anterior, uma medida sábia, inclusive. Então, não houve nenhuma violência funcional contra ele. Mas acho, sim, que é preciso oxigenar, porque senão você tira o estímulo dos jovens. Quem entra na carreira tem de ter perspectiva de ascender aos postos mais altos. Não adianta, a certa altura da vida, o sujeito ser promovido a embaixador se todos os lugares de embaixador estão ocupados.

CC: A ida do embaixador Antônio Patriota para o lugar de Abdenur, nos Estados Unidos, faz parte dessa oxigenação?

CA: Tudo isso é relativo. A gente fala que o Patriota é jovem, mas ele tem 52 anos. De qualquer forma, é uma mudança importante.

CC: Há intenção de democratizar o acesso aos postos do Itamaraty?

CA: Se eu falar que quero democratizar, vão dizer que é uma ação ideológica. Porque, hoje em dia, até a expressão "democratizar" virou ideológica. Mas, de fato, boa parte dos entraves ao acesso aos postos vem de uma série de problemas de legislação que foram se acavando, ou de mandados de segurança que foram sendo impetrados. As pessoas não saíam dos postos. Por isso, o ministro Lampreia (Luiz Felipe Lampreia, ex-chanceler do governo FHC) criou o mecanismo dos dez anos no exterior, mas não foi suficiente. Porque o sujeito é removido para o Brasil e não tem nada para ele fazer aqui. Então, estamos criando mecanismos de renovação.

CC: Na entrevista que deu a Veja, o embaixador Abdenur insinuou que as promoções, no Itamaraty, tem adquirido um viés ideológico no governo Lula...

CA: Isso é a maior tolice e o maior absurdo ditos por ele. Eu o desafio a apontar quem foi ou deixou de ser promovido por razões ideológicas. Aqui não existe isso. Se pegar a biografia dos promovidos nos últimos tempos, verá que tem todo tipo de gente, que trabalharam para o PSDB, para o PFL. Essa acusação é inacreditável. De tudo o

que Abdenur disse, isso foi o maior absurdo. É diferente de escolher pessoas afinadas com seus objetivos, mas isso não tem nada de ideológico.

CC: E as tais leituras obrigatórias do embaixador Samuel Pinheiro Guimarães, por que feriram tantas susceptibilidades?

CA: A reação a isso foi mais por comodismo dos que não queriam ler os livros do que propriamente pelo conteúdo. É sempre fácil atacar por esse lado. Para terminar com essa polêmica, decidi aca-



“A reação (às leituras sugeridas pelo embaixador Samuel Pinheiro) foi mais por comodismo”

bar com as leituras. Temos os cursos de atualização, com esses livros e outros. Não há nenhum viés ideológico nisso.

CC: O senhor é de esquerda?

CA: Ahá! Essa é uma boa pergunta. Há 40 anos, eu diria que era de esquerda. Hoje é tudo difícil de definir nessa área.

CC: Mas esse é o discurso da direita, ministro. A queda do Muro do Berlim etc.

CA: Deixo que os outros façam essa classificação por mim. Mas, se eu fosse

para o Parlamento, não sentaria onde ficam os conservadores de direita. Eu não sou um conservador, em nenhum aspecto, nem na política externa, nem nas minhas afinidades em relação à política interna, nem nos métodos de trabalho. Quero mudar, porque acho que é bom. Mas eu posso errar. Hoje, se você achar que ser a favor de diminuir as desigualdades é ser de esquerda, então eu sou de esquerda.

CC: Muitos dos conservadores criticam justamente a aproximação diplomática e solidária com os países da África, do Oriente Médio, da América Latina. Não é uma crítica à sua posição política de esquerda?

CA: Pergunte a esses mesmos críticos se eles são de direita. Não existe ninguém de direita no Brasil, ninguém que se declare como tal. O que há é uma reação conservadora mesmo. É medo de mudanças na estrutura interna. Não são mudanças revolucionárias, mas reformistas. Ninguém é ingênuo de achar que pode fazer política externa só na base da solidariedade. Tem de levar em conta o interesse nacional, mas o modo pode ser baseado no diálogo, levar em conta a condição de assimetria entre os países. Solidariedade é a visão de seu próprio interesse a longo prazo.

CC: E como é a relação com países não democráticos, como Cuba, China e algumas nações árabes?

CA: Tirando a época da ditadura, o Brasil sempre teve boas relações com Cuba. O ex-presidente Fernando Henrique mandou para lá um amigo pessoal, Luciano Martins, para assumir o posto de embaixador. No mais, é preciso manter as relações internacionais, porque, como dizia Kofi Annan (ex-secretário-geral da ONU), para resolver conflitos, não basta conversar com os amigos, tem de conversar também com adversários. Hoje em dia, se você for ao Oriente Médio e conversar somente com Israel, ou só com os palestinos, não se resolve nada. Tem de conversar com os outros. Quando o presidente Lula foi à Líbia, ele foi muito criticado pela imprensa. Mas, em seguida, lá estiveram o ex-premier José Maria Aznar (de direita), da Espanha, e Tony Blair, primeiro-ministro inglês. Nós apenas fomos um pouquinho mais rápidos. •